

Razão e Mimesis nos romances *A céu aberto* e *Lorde* de João Gilberto Noll

Mestrando Dezwith Alves de Barros¹ (UFRN)
Prof. Dr. Marcio Renato Pinheiro da Silva² (UFRN)

...

Resumo:

Este trabalho consiste em uma análise crítico-reflexiva dos romances *A céu aberto* (1996) e *Lorde* (2004), ambos do escritor gaúcho João Gilberto Noll. Mais especificamente, tendo por referência as considerações de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer e algumas considerações de Sigmund Freud acerca da relação entre sujeito e sociedade, esta pesquisa pretende sondar a relação dialética entre razão e mimesis no processo de constituição das personagens dos dois romances supracitados. De maneira geral, a obra de Noll é caracterizada por traços recorrentes bastante singulares, sobretudo no que diz respeito ao que alguns críticos denominam de processos de experimentação com a linguagem. Contudo, dentre sua experimentação, o fator menos ortodoxo, certamente, diz respeito à caracterização de seus personagens-protagonistas. Estes não apresentam traços físicos ou psicológicos convencionais. Pelo contrário, tais traços são, na maioria dos casos, distorcidos e fragmentados, tornando-os confusos e, até, mutáveis ao longo das narrativas. É, justamente, sobre isso que este artigo se dedica, buscando analisar, aí, em que medida esse processo de subjetivação (ou, melhor dizendo, de dessubjetivação) de tais personagens não podem ser compreendidos à luz dos revezes da razão instrumental nos contextos sócio-históricos em que se passam os romances (a guerra em *A céu aberto*, o capitalismo multinacional e multicultural em *Lorde*). A seleção desses dois romances se justifica por acreditarmos que, neles, a abolição de fronteiras entre diferentes sujeitos é radicalizada a ponto de as personagens se metamorfosearem em outras. Frente a isso, defende-se, aqui, que a ambiguidade da escrita de Noll, gerada, sobretudo, pela forma como os personagens-protagonistas são caracterizados, seria, então, uma tentativa de rompimento com certos mecanismos repressores, projetando novas configurações do sujeito e, com efeito, de vida social. Mas, dado que sua obra raramente acena a uma concepção utópica de sujeito e de sociedade (de fato, dá-se, em geral, o contrário: seus personagens não conseguem qualquer redenção), esta tentativa se daria tanto (ou mais) no nível da própria linguagem.

Palavras-chave: Razão, João Gilberto Noll, Literatura Brasileira Contemporânea, Mimesis, Theodor Adorno.

Introdução

O escritor gaúcho João Gilberto Noll vem ganhando destaque no âmbito da produção literária, e não só nacionalmente. Do início dos anos oitenta até os dias de hoje, já são dezoito publicações (treze romances, dois livros de contos, duas novelas voltadas para o público infanto-juvenil e um livro composto por fragmentos ficcionais), além de uma coletânea de

¹ Mestrando em Literatura Comparada. E-mail: <dezwithtrabalhos@gmail.com>Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL).

² Prof. Pós-Doutor em Teoria e História Literárias. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Ciências Sociais e Humanas. E-mail: <mrenatops@uol.com.br>

romances e contos reunidos³. Desde o seu primeiro livro (*O Cego e a Dançarina*, vencedor dos prêmios "Revelação do Ano" da Associação Paulista de Críticos de Arte, "Ficção do Ano" do Instituto Nacional do Livro e o "Prêmio Jabuti" da Câmara Brasileira do Livro), vem acumulando reconhecimento, sobretudo, pelo olhar da crítica.

A obra de Noll é caracterizada por traços recorrentes bastante singulares. Em suas narrativas, temos um narrador-protagonista que se perpetua em praticamente todos os seus romances, como se se tratasse de um mesmo personagem. O próprio Noll, em entrevista concedida ao site do *Estadão*, confirma isso: “Tenho notado ultimamente que a sua essência é a mesma de livro para livro. Não há continuidade de um romance para outro. As circunstâncias mudam. Mas a alma desse homem é a mesma a cada ficção.” (BRASIL, 2012). Outra característica recorrente está na maneira como os enredos se constituem: são tramas que, por vezes, apresentam cortes bruscos nas sequências narradas, tanto em sua forma (caso de *Bandoleiros*, composto de parágrafos tão sucintos que nos lembram aforismos) quanto em seu conteúdo (caso de *Solidão Continental*, que apresenta sequências de ações que, de tão inverossímeis, beiram o surreal), ou, ainda, tramas que seguem ininterruptamente (caso de *Berkeley em Bellagio*, romance composto por um único parágrafo). É possível citar, ainda, as quebras com determinados padrões usuais a formulações retórico-discursivas (pessoa, gênero, número, tempo, modo, grau etc.), perceptível na maioria de seus romances e contos. De fato, “um dos traços mais característicos à obra do romancista e contista João Gilberto Noll tem sido sua constante experimentação com a escrita” (SILVA, 2009, p. 299).

Mas, dentre sua experimentação, o fator menos ortodoxo, certamente, diz respeito à caracterização de seus personagens-protagonistas. Estes não apresentam traços físicos ou psicológicos convencionais. Pelo contrário, tais traços são, na maioria dos casos, distorcidos e fragmentados, tornando-os confusos e, até, mutáveis ao longo das narrativas. Com efeito, encarnam “uma certa opacidade da experiência, o que acaba incidindo sobre a própria identidade das personagens, tornando-as permeáveis umas às outras e inviabilizando, em muitos casos, a articulação de um nome próprio” (SILVA, 2009, p. 299). Ou, ainda, como afirma Manuel da Costa Pinto: “nenhuma personagem tem dimensão psicológica, não há uma interioridade que se contraponha ao mundo real: tudo é efeito de uma linguagem que reproduz mimeticamente o movimento de deslocamento, de fuga” (COSTA PINTO, 2005, p. 118-119).

De maneira geral, este trabalho consiste em uma análise crítico-reflexiva dos romances *A céu aberto* (1996) e *Lorde* (2004), ambos do escritor gaúcho João Gilberto Noll. Mais especificamente, tendo por referência as considerações de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer e algumas considerações de Sigmund Freud acerca da relação entre sujeito e sociedade, este artigo pretende sondar a relação dialética entre razão e mimesis no processo de constituição das personagens dos dois romances supracitados.

Neles, a abolição de fronteiras entre diferentes sujeitos é radicalizada a ponto de as personagens metamorfosearem-se em outras. Frente a isto, sustenta-se, aqui, a hipótese de que estes dois romances de Noll dramatizam aquilo que Theodor W. Adorno, na *Dialética do Esclarecimento* (escrita em parceria com Max Horkheimer), compreende por mimesis vital. Trata-se de uma espécie de processo mágico, “que tem por alvo a defesa do sujeito fraco e amedrontado, contra os poderosos inimigos exteriores” (GAGNEBIN, 2006. p. 68). Este processo é extremamente regressivo, pois leva o sujeito à perda total de sua identidade;

³ Publicações de João Gilberto Noll em ordem cronológica: *O Cego e a Dançarina* (contos, 1980), *A Fúria do Corpo* (romance, 1981), *Bandoleiros* (romance, 1985), *Rastros de Verão* (romance, 1986), *Hotel Atlântico* (romance, 1986), *O Quietos Animal da Esquina* (romance, 1991), *Harmada* (romance, 1993), *A céu aberto* (romance, 1996), *Romances e Contos Reunidos* (coletânea, 1997), *Canoas e Marolas* (romance, 1999), *Berkeley em Bellagio* (romance, 2002), *Mínimos Múltiplos Comuns* (fragmentos ficcionais, 2003), *Lorde* (romance, 2004), *A máquina de ser* (contos, 2006), *Acenos e Afagos* (romance, 2008), *Sou Eu!* (novela infanto-juvenil, 2009), *O Nervo da Noite* (novela infanto-juvenil, 2009), *Anjo das ondas* (romance, 2010) e *Solidão Continental* (romance, 2012).

entretanto, apresenta “um momento essencial de prazer, ligado ao êxtase da dissolução dos limites do próprio eu” (GAGNEBIN, 2006. p. 68). Para esse sujeito, só existe um meio dele se confirmar como tal, que é pela diferenciação (e/ou pela superação) daquilo que o ameaça, ou seja, por meio da razão, a qual, aliás, segundo Adorno, é responsável pelo recalque da mimesis vital.

Mais especificamente, na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer defendem a hipótese de que o processo moderno de dominação de si, do outro e da natureza (o processo de esclarecimento) acaba por promover formas mais complexas e sofisticadas de irracionalismo mimético, tais como a indústria cultural e a ascensão do fascismo e do totalitarismo:

O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. A insossa sabedoria para a qual [...] os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação [...] reproduz tão somente [...] a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era. O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível. O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo. O esclarecimento [...] elimina o incomensurável. Não apenas são as qualidades dissolvidas no pensamento, mas os homens são forçados a real conformidade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 23-24)

Ou seja, apesar de os conceitos de “razão” e “mimesis vital” serem aparentemente opostos, pode-se perceber que a razão tende a se transformar em mito: “o próprio conceito desse pensamento [...] contem o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda a parte” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13). E é dando continuidade a esta hipótese, deslocando-a e complementando-a, que se pretende analisar as personagens de *A céu aberto* e de *Lorde*. Mais explicitamente, pretende-se sondar em que medida os processos de subjetivação (ou, melhor dizendo, de dessubjetivação) de tais personagens não podem ser compreendidos à luz dos revezes da razão instrumental nos contextos sócio-históricos em que se passam os romances (a guerra em *A céu aberto*, o capitalismo multinacional e multicultural em *Lorde*).

Portanto, as reflexões desenvolvidas neste artigo objetivam empreender um estudo crítico-reflexivo acerca da relação entre mimesis vital e razão instrumental na composição das personagens dos romances *A céu aberto* e *Lorde*, de João Gilberto Noll. A partir deste objetivo geral, pretendemos a) mapear as características da mimesis vital de acordo com o trabalho de Theodor W. Adorno, b) especular em que medida a trajetória das personagens dos romances selecionados de João Gilberto Noll pode ser compreendida como sendo afim à mimesis vital, c) contrapor a mimesis vital à razão instrumental no contexto sócio-histórico projetado pelos (e representado nos) romances e, por fim, a partir do desenvolvido quanto aos três objetivos específicos anteriores, d) sistematizar as possíveis relações entre literatura e sociedade nos romances selecionados de João Gilberto Noll.

1. Entre viver e sobreviver

Eu era um abnegado, fazia tudo para que isso que chamam de mundo continuasse a me abrigar com algum conforto, mesmo que muito pouco, quase nenhum. (NOLL, 2004, p. 27).

Os romances *Lorde* e *A céu aberto*, de João Gilberto Noll, apresentam enredos e

temáticas totalmente distintas. Em *A céu aberto*, temos a saga de dois irmãos, que, em virtude da doença do mais novo, decidem sair em busca do pai, que fora para o “front” de batalha de uma guerra em um país fictício. Depois de encontrarem o pai, eles se perdem um do outro e se embrenham história adentro, para se reencontrarem depois em situações bem diferentes da anterior. O irmão mais velho, que também é o narrador-protagonista, depois de desertar do exército, imprime uma fuga torturante para se livrar em determinados momentos da prisão e, de maneira geral, da morte.

Já *Lorde* narra a história de um escritor brasileiro que, no auge de várias dificuldades financeiras vivendo no Brasil, recebe e aceita um estranho convite para “trabalhar” em Londres. Na capital inglesa, o personagem se depara com vários medos, como o da instituição que o contratara não pagar o dinheiro da bolsa ou até mesmo o aluguel, medo de ser preso por não ter referências no país em que se encontra, de não agradar a instituição ou aos estrangeiros em geral e, por fim, de não conseguir sobreviver nem se estabelecer no exterior. Diante dessa situação, ele tenta, de todas as formas, estabelecer-se materialmente e garantir sua sobrevivência em terras britânicas.

Entretanto, nos dois romances, existe um fato bastante singular: a fusão/transformação do protagonista de *Lorde* com/em um ex-estivador inglês e, em *A céu aberto*, a transformação do irmão do narrador-protagonista na mulher com quem ele se casa. Defenderemos, pois, no decorrer da análise, que, sejam verossímeis ou não, essas metamorfoses se associam ao que Adorno entende por mimesis vital.

Mas, antes de abordarmos essas transformações em sua especificidade, refletiremos um pouco sobre o comportamento mimético dos personagens ao longo dos dois romances.

Nota-se que a parte inicial de *Lorde* e a parte final de *A céu aberto* apresentam algo em comum. Nesses trechos, os respectivos protagonistas lutam contra suas principais ameaças. *Lorde* apresenta o escritor brasileiro lutando contra seus medos internos, causados, de maneira geral, pela incerteza na qual ele se encontra em virtude da falta de autenticidade da instituição que o contratara: “um documento sólido, uma carta-convite com o timbre da entidade, carimbo se eles aqui usassem tal coisa para provar a autenticidade de uma instituição” (NOLL, 2004, p. 22). Em *A céu aberto*, o narrador-protagonista luta também contra um medo, externo nesse caso, que é o de ser pego pelo exército de seu país (primeiro, por ser um desertor e, depois, por ter assassinado sua própria esposa/irmão). Ambos, portanto, precisam tomar alguma atitude significativa para superarem esses medos e conseguirem sobreviver. Entretanto, conforme Adorno e Horkheimer, o “esclarecimento” não deixa muitas opções de escolha: essa instância “esclarecida” da história “conhece [os homens] na medida em que pode manipulá-los.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Independentemente do que cada um tenha decidido, sempre existe um preço a ser pago. Em *Lorde*, a situação se desenvolveu da seguinte forma: diante de suas inquietações, o brasileiro passa a se comportar tal qual aquilo que o ameaça (nesse caso, a própria sociedade inglesa, tendo por base o inglês que representava a misteriosa instituição); ele próprio molda-se ao sistema, reduzindo sua individualidade a uma coletividade abstrata: “Parecia idêntico a tantos homens que andavam pelas ruas de Londres, poderia passar por tantos deles” (NOLL, 2004, p. 32), isto é, um *Lorde*. E foi no próprio meio em que se encontrava diariamente que ele se espelhou para se transformar em “mais um”, deparando-se, em cada esquina, com uma das peças que montava a “tão perfeita” coletividade:

eu ressurgiria outro, inteiro, e triunfaria. Não me importava que as pessoas que caminhavam pela calçada não me notassem, me confundissem com todas: era desse material difuso da multidão que eu construía o meu novo rosto, uma nova memória. Por enquanto, sim, eu era ninguém. Mas cedo eu chegaria a todo mundo e estaria então com a minha cara pronta (NOLL, 2004, p. 34).

Esse processo em que o sujeito, mesmo na ausência de um “objeto dominador”, deixa-se dominar, reprime-se, deixa de ser ele próprio para ser apenas mais uma peça do coletivo em troca da suposta garantia de sua estabilidade financeira, representa aquilo que Adorno compreende pela transformação da razão em mito:

O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado. [...] Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34).

No caso de *A céu aberto*, o personagem pretende desconstituir sua identidade (o que também ocorreu em *Lorde*), para, nesse caso, não ser morto: “eu precisava me afastar da minha identidade, ainda mais agora que além de desertor eu era um assassino.” (NOLL, 2008a, p. 121). E o disfarce para não ser notado era, assim como em *Lorde*, se tornar apenas “mais um”: “Eu só não poderia me fazer notar, eu deveria ser exatamente mais um no meio da população, viver na condição de um deles” (NOLL, 2008a, p. 134). Entretanto, apesar da semelhança quase idêntica dos discursos, o caminho seguido por este não foi o mesmo do escritor brasileiro de *Lorde*. Como não conseguiu essa tal “desconstituição da identidade”, o protagonista de *A céu aberto* se viu obrigado a forçar essa “ausência de identidade”; para tanto, sua saída foi exilar-se do mundo fugindo em um navio que acobertava desertores e fugitivos da guerra. Como pagamento pela proteção, pela conservação, como já vimos, sempre vem a humilhação, a repressão e a regressão. De tal forma, o desertor foi preso em uma cabine e se tornou escravo sexual do capitão do navio (um homem na casa dos cinquenta anos, sem os dentes da frente e com uma âncora tatuada no peito) e raramente tocava em terra firme: “Passei um tempo incalculável dentro dessa cabine pelos mares ensolarados e os cobertos de neblina, pelos rios os mais variados... saía apenas num porto ou noutro, naqueles países ou cidades que apresentavam menos perigo para os expatriados como eu. [...] – Eu sou um rato de porão – falei.” (NOLL, 2008a, p. 123-124)

Em ambos os casos, percebemos que os respectivos objetivos são alcançados pelos protagonistas. O esclarecimento cumpre a função de protegê-los de suas ameaças. O escritor, no romance *Lorde*, consegue se estabelecer materialmente, após conseguir emprego numa universidade de Liverpool, e o desertor, em *A céu aberto*, consegue fugir da prisão (pelo exército) e da morte. Entretanto, pagam caro por essa “proteção”: o primeiro perde totalmente a identidade e o segundo não tem mais direitos sob seu próprio corpo e ainda tem sua liberdade privada quase que totalmente. Esses efeitos vêm, portanto, dramatizar as palavras de Adorno e de Horkheimer de que o indivíduo paga “o tributo de sua sobrevivência assimilando-se ao que é morto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 168).

Autoconservação, adaptação ao meio para fugir da morte, e, por que não?, abdicação da identidade: todos esses termos podem, muito bem, serem defendidos como objetivos ou consequências do comportamento mimético. Lembremo-nos da borboleta que se camufla ao tronco. Ela, além de querer viver, de querer ser ela mesma, de querer afirmar-se como borboleta, deseja o não-morrer, o simples (porém complexo) fato de deixar de existir por um certo tempo, para receber, como recompensa por esse disfarce, essa não-morte: “Quando o humano quer se tornar como a natureza ele se enrijece contra ela. A proteção pelo susto é uma forma de mimetismo. Essas relações de contração no homem são esquemas arcaicos de autoconservação” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 77). Pois bem, se deslocarmos essas considerações acerca de troncos e borboletas para o contexto em que se “acham perdidos” os personagens dos romances *Lorde* e *A céu aberto*, veremos que eles se encontram tal qual

essas borboletas: sempre que se sentem ameaçadas ou sempre que precisam satisfazer algum desejo, têm que se submeter a esse “deixar de existir por um certo tempo”, o que pode implicar humilhar-se diante do outro para não morrer ou para satisfazer um desejo, como é notável no “episódio” da pera em *A céu aberto*:

Quando vi que só me restava o cabinho da pêra com uma sementinha pendurada, como que me amarguei um pouco, comecei a considerar que eu era feito de pequenas necessidades quase sempre contrariadas, se quisesse comer outra pêra (o que não seria nada mal) eu teria que pedir a fruta àquela mulher, eu dependeria de saber se ela ia querer me ofertar, e, espera, tem mais! pois antes de qualquer coisa precisaria me informar se de fato havia essa outra dádiva solicitada, e se tudo corresse da melhor maneira possível eu enfim a receberia e experimentaria seu sabor que nessas alturas se revelaria cansado por todas aquelas voltas até chegar na minha boca (NOLL, 2008a. p. 16).

Nesse trecho, o protagonista expressa um desejo que, para ser realizado, necessita de um pedido, e convencionalmente falando, o gesto de pedir em quase todos os casos é visto como uma humilhação da parte de quem pede (basta refletirmos sobre um dos sinônimos de mendigo: “pedinte”, isto é, aquele que pede porque precisa sobreviver, não viver, apenas sobreviver). Havendo ainda o fato de que esse pedido, para ser concedido, precisa passar por um percurso desgastante e de tal forma perderá o efeito satisfatório, algo como se o desejo se esvaísse e sobrasse apenas a necessidade. E o pior é que essas “pequenas necessidades” são repetitivas: o sujeito se encontra continua e inexoravelmente lutando por essa sobrevivência, pois “é disso que somos feitos, de precisar, precisar, não ouviu essa história ainda não?!” (NOLL, 2008a. p. 17)

Em *Lorde*, situação semelhante ao da borboleta no tronco, ocorre no “episódio” do jantar, no qual o escritor brasileiro, ao entrar em casa, depara-se com o homem que o empregara jantando com uma, segundo ele, funcionária. Dessa relação, que era aparentemente proibida, o brasileiro pensou logo em como poderia tirar proveito. Pensou ele:

Enquanto a relação durar, possuo a permanência garantida. [...] Mantive-me mudo a refeição inteira. [...] O meu verbo perturbaria. Agora só faltava ficar invisível. [...] Seria esta a noite em que meu desejo seria atendido? Adormeceria em outra nomenclatura e eles não me encontrariam: eu estaria distribuído não só entre eles mas também por toda aquela casa em Hackney. Na cortina estaria eu, na mesa, em lugar nenhum. (NOLL, 2004, p. 62).

Mais uma vez, temos o sujeito comportando-se mimeticamente em troca da sobrevivência. Segundo a metáfora (ou não) de Noll, o protagonista se desintegrando no ambiente, ou seja, camuflando-se, permitiria que o seu “tutor” mantivesse o seu relacionamento com a funcionária oculto. Em compensação, ele utilizaria o acontecimento como objeto de chantagem para garantir a sua permanência em Londres; permanência, esta, que, como já vimos, significava a sua sobrevivência material.

No mundo esclarecido, essa auto-alienação se tornou um mal necessário para aquele que quer sobreviver (e, salvo exceções, todos querem sobreviver). Não importa o que precise ser feito; fingir-se de morto, fingir ser bom, fingir ser mal, desintegrar-se diante do outro, esconder-se, apresentar-se como um louco, um desalmado: se for para a sobrevivência, deve ser feito. De acordo com isso, Adorno esclarece que

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias

relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35).

2. Aniquilação via satisfação dos instintos

nas minhas orações noturnas debaixo de uma camada fria de suor eu pedia que cessasse sim que cessasse esse tesão que já não cabia em mim, que ia acabar comigo, que ia me matar. (NOLL 2008a, p. 123)

Trazendo, agora, a nossa reflexão para o pensamento freudiano, recaindo, dessa forma nas considerações acerca do caráter regressivo da civilização, no que diz respeito aos instintos e pensando, nesse caso, especificamente, na conflituosa relação sexo/civilização – iremos perceber alguns momentos, nos romances, que merecem ser analisados de maneira mais detalhada. Começaremos por *Lorde*, que apresenta três momentos específicos em que tais conflitos (sexo x civilização) são apresentados de maneira bem explícita.

O primeiro momento é a ida do protagonista da narrativa ao apartamento de “Um certo professor Mark, de Estudos Latino-Americanos, da Empire’s University” (NOLL, 2004, p. 44), a princípio, para uma entrevista. O escritor acaba por acompanhar o inglês ao banho, mas recusa chorando o convite de Mark para entrar com ele no chuveiro. Nesse caso, na luta pela autoconservação em uma civilização tão opressora, o instinto do ego prevalece sobre o instinto libidinal (FREUD, 2010)⁴. A relação sexual entre o escritor e o professor inglês não pode se concretizar porque, hierarquicamente falando, o inglês seria superior ao escritor brasileiro; logo, a relação entre eles deveria ser restritamente profissional, intrínseca à sobrevivência do brasileiro naquele país. Eis, então, o primeiro atrito sexo/civilização que se desenvolve no romance.

O segundo momento consiste num episódio, no mínimo, estranho. Depois de ter uma espécie de convulsão e desmaiar na banheira durante um banho, o personagem principal acorda sem conseguir andar nem falar, mas percebe que o seu corpo apresenta uma particularidade não percebida antes: uma ereção completa e contínua. Após rastejar até a cama, ele diz:

Eu era um réptil que ainda tinha o poder de amar. Se colocassem um outro corpo no tapete do quarto de Hackney, [...] eu copulava com ele e ainda ia querer mais. Mas se ele me pedisse para beijar-lhe o umbigo, sei lá, seria incapaz desse reles esforço de sentar e curvar a espinha para extrair dali o cheiro fedido da carne [...]. Eu ainda amava, mas era um réptil, senhores: um ser sem estrutura dorsal para conviver com seus iguais, salvo para foder – deitado. [...] Mas que futuro poderia haver para um sujeito desmembrado com a única função de meter e ejacular? Quem estaria disposto a essa inconveniência? (NOLL, 2004, p. 72).

Temos, agora, o inverso da situação anterior, em que o escritor teve a oportunidade de

⁴ Compreende-se aqui as definições dos termos constituintes da estrutura da psique humana tal qual resume Eliane de Moura Castro no livro *Psicanálise e Linguagem*; a grosso modo, poderíamos dizer que o “Id” corresponderia aos instintos mais primitivos do ser humano, o “Superego” uma espécie de mecanismo psíquico de defesa que reprime, ou recalca, o “Id” e o “Ego” seria, então, o resultado do embate entre Id e Superego, ou seja, seria a forma como nos apresentamos/representamos na vida em sociedade (cf. CASTRO, 1992).

manter relações sexuais com outra pessoa, mas que, devido a uma repressão consciente, não a efetivou. Nesse segundo caso, apesar da inverossimilhança do acontecimento (que lembra “A Metamorfose”, de Kafka), temos, mais uma vez, a impossibilidade da concretização do sexo por parte do sujeito. Agora, ele tem o vigor físico necessário para tal ato; entretanto, no mundo civilizado, ninguém estaria disposto ao inconveniente de se relacionar com um “réptil”. Dessa vez, inconscientemente (pois ele não se transformou num réptil propositalmente), o personagem nos apresenta o segundo atrito entre sexo e civilização.

Direcionemos nossa atenção, agora, ao último e, talvez, mais importante dos acontecimentos de *Lorde* (pois culmina na perda total da identidade por parte do personagem). Depois de se mostrar disposto a desistir de sua própria identidade, à custa de muita repressão consciente e inconsciente e um pouco de sorte, o escritor brasileiro, finalmente consegue um emprego, como professor de Português, em uma Universidade de Liverpool; emprego que o levaria, obviamente, à tão almejada estabilidade material. Entretanto, em uma de suas visitas aos “pubs” da cidade, conhece um ex-estivador inglês que acabara de abrir um pequeno comércio de ferragens. Ao contrário das outras vezes, nas quais sempre havia um empecilho para a efetivação de suas investidas amorosas, dessa vez, nada o impediu de seguir em frente no relacionamento. Após, finalmente, manter relações sexuais com outra pessoa, ele dorme. Ao acordar, percebe que sofrera uma estranha metamorfose: eles se transformaram em apenas um, no caso, o escritor no corpo do estivador.

Percebamos que, durante todo o romance, o personagem abandonou sua pátria, renegou suas individualidades e abdicou de todos os seus instintos. Mas, a partir do momento em que ele não se sentiu mais ameaçado, relaxou e se rendeu ao princípio do prazer, que, segundo Freud, seria a principal fonte do que ela denomina “em seu sentido literal mais estrito, ‘felicidade’” (FREUD, 2010, p. 62). Ainda sobre esse tema, discorre o psicanalista:

o que estabelece a finalidade da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio comanda o funcionamento do aparelho psíquico desde o início; não cabem dúvidas quanto à sua conveniência, e, no entanto, seu programa está em conflito com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Ele é absolutamente irrealizável, todas as disposições do universo o contrariam [...]. Aquilo que em seu sentido mais estrito é chamado felicidade surge antes da súbita satisfação de necessidades represadas em alto grau e, segundo sua natureza, é possível apenas como fenômeno episódico. Toda permanência de uma situação anelada pelo princípio de prazer fornece apenas uma sensação tépida de bem-estar; somos feitos de tal modo que apenas podemos gozar intensamente o contraste e somente muito pouco o estado. Dessa forma, nossas possibilidades de felicidade já são limitadas pela nossa constituição. Muito menos são os obstáculos para experimentar a infelicidade. (FREUD, 2010, p. 62-63).

Sendo assim, o “deslize” de ceder ao princípio de prazer teve um preço a ser pago. Após essa última transformação do personagem, podemos perceber que a aparência que predomina é a do sujeito economicamente inferior, um sujeito não estabilizado materialmente. Ora, esse processo vem a consolidar o caráter regressivo da vida em civilização, tendo em vista que esta dispensa tudo que não esteja ligado intrinsecamente à sobrevivência, no caso em análise: o amor e o sexo. De acordo com Freud: “A satisfação ilimitada de todas as necessidades se destaca como a forma mais atraente de conduzir a vida, mas isso significa antepor o gozo à cautela, algo que recebe seu castigo após breve exercício.” (FREUD, 2010, p. 64). No caso dos personagens em análise, ao obedecer a um de seus instintos, ao reivindicar uma de suas individualidades, eles pagam com a perda total da identidade, com a regressão absoluta; transformando-se em outro sujeito, ele nem é esse outro nem ele mesmo.

Contudo, em *O mal-estar na cultura*, Freud ainda acredita que o amor tenha uma ou outra forma de se concretizar na vida em civilização, todavia, sob a condição de passar por uma espécie de (re)educação, ou seja, “transformando o instinto num impulso de ‘meta inibida’” (FREUD, 2010, p. 108). Seria algo similar a transformar o amor em uma espécie de amizade, castrando a principal característica do amor: o sexo.

Voltando aos romances, vê-se que, assim, como em *Lorde*, em que o escritor brasileiro teve que reduzir-se a um “outro” inferior para poder se satisfazer sexualmente, em *A céu aberto*, o irmão do protagonista também teve que passar por uma transformação antes de realizar os seus instintos.

Percebamos que, durante todo o romance, o protagonista dedica a sua vida ao irmão; primeiro, por este ser mais novo e eles viverem na ausência da mãe e do pai; segundo, pelo fato do pequeno estar doente e mais do que nunca estar precisando dos devidos cuidados: “tudo deveria se dar para a saúde do meu irmão, [...] era ele [...] o eleito do momento para receber todos os cuidados” (NOLL, 2008a, p. 15).

Portanto, por consequência ou não dessa aparente relação hierárquica que se dava entre os dois irmãos, é possível perceber, no decorrer da narrativa, mesmo antes da “grande transformação”, alguns momentos em que a afetividade fraterna que eles nutriam um pelo outro já dava pistas de que se transformaria em algo mais; o amor fraterno vindo a confundir-se com amor libidinal, erótico. Tomamos como exemplo a passagem a seguir, na qual o irmão mais velho fala sobre o mais novo, quando este ainda era criança:

se estirava então para o meu colo, coisa que me chateava, aquela massa menor que eu mas não muito se enrodilhando em meu peito e barriga, tantas vezes sentado sobre as minhas pernas, outras tantas sentadas sobre o meu próprio pau como se ele não soubesse, em certas ocasiões eu sutilmente tentando defender a minha área pubiana, afastando como se distraído uma de suas pernas, a coxa, nádega, [...] mas mesmo assim podia ficar boiando em mim a sobrevida de uma pulsão perigosa, eu então depressa indo até o colchão dele, despejando-o sobre os lençóis encardidos, depois trepando na cadeira [...], eu bebendo aguardente, o esperma escorrendo no vidro iluminado pelo poste, mais atrás a lua cheia. (NOLL, 2008a, p. 22).

Nesse trecho, apesar de o narrador não explicitar que desejou, ou que se excitou pelo irmão, ele deixa tal fato subentendido. Se nos perguntarmos por que ele se “chateava” quando o irmão sentava em seu colo, poderíamos chegar à conclusão de que, na verdade, o que o “incomodava” não era o simples fato de a criança sentar em seu colo e, sim, “a sobrevida de uma pulsão perigosa” que ficava “boiando” nele, ou seja, o fato de ele se excitar ao contato do irmão, o que se confirma com a masturbação imediatamente após colocá-lo na cama. Outro fato que deve ser levado em conta em relação ao trecho acima diz respeito à intenção, ou não, do caçula em provocar o desejo do irmão: a única pista que temos é o “como se ele não soubesse” dito pelo narrador. Entretanto, entende-se, aqui, que esse “como se” da frase não atesta a inocência ou ingenuidade do mais novo; aliás, se for lido, por exemplo, como uma ironia, funciona até como um intensificador da dúvida.

Mas o acontecimento do romance *A céu aberto* que reproduz de maneira mais contundente o conflito do sujeito e os seus instintos contra a vida em sociedade é, de fato, a transmutação que o irmão do protagonista sofre para por fim se casar com ele.

Se formos analisar o que ocorre entre os irmãos pelo viés psicanalítico, podemos associar que o casamento era um desejo inconsciente dos dois ou de um deles, mas, convencionalmente falando, tal fato seria impossível de se concretizar. Pelo menos, duas coisas teriam que mudar: primeiro, eles não poderiam ser irmãos e, segundo, não poderiam ser do mesmo sexo; pois, no mundo “esclarecido”, “racional”, “civilizado”, tanto o incesto

quanto o homossexualismo são tidos como práticas não sociais, ou melhor, não convencionais⁵.

Logo, acredita-se que, em virtude de tais regras ou convenções, para realizar o suposto desejo inconsciente de casar-se com o irmão, o caçula, através de um processo lento, porém irreversível, vai se transformando em uma mulher: primeiro ele é visto em trajes femininos, algo como um vestido de noiva ou de primeira comunhão, de véu e grinalda; depois, já com pequenos seios, torna-se coroinha, e passa a despertar, dessa vez de forma explícita, o desejo do irmão mais velho: “olhei-o de soslaio e cheguei a pensar que ele poderia ser a mulher com quem eu sempre sonhara. O cabelo escorrido para o lado tapando-lhe o olho... vontade de chegar ali, trazer o cabelo para traz com a minha mão.” (NOLL, 2008a, p. 64). Mas, só quando o garoto se transforma por completo em uma mulher, eles se “casam”:

– Nessa noite me casei – falei assim de repente.

[...]

Quando voltei o meu irmão estava diante do fogão aguardando a subida do leite que fervia. Ele vestia uma [...] camisola, e do outro lado do tecido fino havia o corpo de uma mulher. Precisurei romper com esse negócio de pensar nessa figura aí como meu irmão, falei dentro de mim. [...] Eu já era um homem apaixonado. (NOLL, 2008a, p.66-67)

De volta à lógica dos romances. Em *Lorde* o personagem se transformou em algo (ou alguém) economicamente inferior (um ex-estivador), regrediu, perdeu totalmente a identidade (teve que se comportar como um *Lorde*), após ter obedecido a um instinto libidinal. E em *A céu aberto*, o irmão do protagonista teve que se transformar em algo (ou alguém) convencionalmente inferior (uma mulher), regredir e abdicar totalmente de sua identidade (deixar de ser irmão do protagonista), para poder satisfazer um instinto libidinal. Fica, então, uma grande questão: por que eles não podiam continuar sendo eles mesmos para/ao satisfazerem seus instintos? Talvez, porque o sistema esclarecido e racional que rege nossa civilização não permita, responderíamos parafraseando Freud (2010). Todas as convenções, impostas pela vida civilizada, resultam numa hostilidade da sociedade a tudo que fuja a estas. Talvez, por isso, Adorno e Horkheimer chegaram a afirmar que o grande “medo que o bom filho da civilização moderna tem [...] é exatamente o [...] medo do desvio social.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13)

Considerações Finais

“A unidade de coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 24).

Para finalizar é importante ressaltar que a leitura proposta por este artigo nos leva a uma reflexão bastante pertinente acerca da relação entre literatura e sociedade. Os romances em análise se relacionam com a sociedade contemporânea ao mesmo tempo que revelam e questionam as relações alienadas e alienantes do mundo civilizado/globalizado da contemporaneidade. Em especial, no que condiz ao caráter permeável e ambíguo desses sujeitos-personagens de Noll, as considerações de Adorno em *Posição do Narrador no Romance Contemporâneo* são de suma importância para a compreensão do nosso tema:

⁵ Sobre a não-convencionalidade social das práticas sexuais ver as considerações de Foucault na primeira parte (*A vontade de saber*) da sua *História da Sexualidade*. (FOUCAULT, 1988).

A reificação de todas as relações humanas em lubrificante para o andamento macio da maquinaria, a alienação e a auto-alienação universais, exigem ser chamadas pelo nome [...]. Nesse processo, a própria alienação torna-se um meio estético para o romance. Pois quanto mais se alienam uns dos outros os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros. O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais. O momento anti-realista do romance moderno, sua dimensão metafísica, amadurece em si mesmo pelo seu objeto real, uma sociedade em que os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos. (ADORNO, 2003, p. 58).

Percebe-se, a partir disso, que os romances analisados não só se enquadram nessas definições, como, também, radicalizam-nas. Ora, esse caráter de “apartamento de si” e “do outro”, bem como de “auto-alienação universal” necessários, segundo Adorno, ao bom funcionamento da máquina são matérias que se projetam e se dissolvem nos dois romances analisados, como vimos, bem como em praticamente todas as obras de João Gilberto Noll.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor Wiseground. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

_____; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

BRASIL, Ubiratan. *João Gilberto Noll fala de imprecisões em “Solidão Continental”*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,joao-gilberto-noll-fala-de-impresoes-em-solidao-continental,927367,0.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

CASTRO, Eliane de Moura. *Psicanálise e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

COSTA PINTO, Manoel da. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Após Auschwitz”. In: _____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 59-81.

NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. São Paulo: Francis, 2003

_____. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.

_____. *A céu aberto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008a.

_____. *Bandoleiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008b.

_____. *Solidão Continental*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Adorno*. São Paulo: Publifolha, 2003.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. Mímesis a contrapelo: ficção e autobiografia nos romances "Berkeley em Bellagio" e Lorde, de João Gilberto Noll. *Remate de males*: revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, v. 29. n. 2, p. 299-317, jan./jul. 2009.